

A negatividade, o jornalismo e novas possibilidades: um estudo de propostas positivas e construtivas¹

Letícia de Lucena Vaz²
Ângela Teixeira de Moraes³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

O realce da negatividade dos fatos pode ser observado como uma prática constante do jornalismo ao longo de sua história. E não menos frequente é a crítica acadêmica e social em torno dessa técnica para atrair a atenção de audiências. O questionamento da real capacidade dessa forma de jornalismo aproximar-se de um relato verossímil dos fatos e cumprir com esse objetivo deontológico, fez com que novas propostas surgissem em contraste, recebendo destaque o que vem se convencendo chamar de jornalismo positivo, construtivo e de soluções. Tais iniciativas são aqui analisadas por meio de uma pesquisa bibliográfica na tentativa de perceber o que há de singular nessas novas práticas e quais são seus elementos distintivos.

Palavras-chave

Jornalismo positivo; jornalismo construtivo; jornalismo de soluções; negatividade.

1- Introdução

O presente trabalho tem como objeto de estudo o jornalismo positivo, área em ascensão no cenário atual marcada majoritariamente pela oposição à negatividade percebida no jornalismo tradicional. Esse traço será destacado inicialmente na forma de uma contextualização que ilustrará o cenário observado no campo e como tal situação impactou o surgimento de propostas alternativas como a em questão.

Após uma breve explicação, o estudo partirá para o levantamento de elementos característicos dessa prática. Dada a novidade da proposta e a carência de uma conceituação definitiva, formas afins como o jornalismo construtivo e o de soluções, constantemente são mencionadas enquanto o tema é tratado. Assim, algumas características específicas de cada uma e em comum às três formas de jornalismo serão também apresentadas, na tentativa de esboçar uma delimitação que possa ser consolidada em trabalhos futuros.

¹ Trabalho apresentado na IJ01- Jornalismo, da Intercom Júnior- XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, bolsista PIBIC/ CNPq do Programa de Iniciação Científica, e-mail: lucenavazleticia@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG e orientadora de IC., e-mail: atmoraes@ufg.br.

A metodologia empregada se baseia na pesquisa bibliográfica já existente sobre o tema, especialmente artigos científicos em língua portuguesa e inglesa. Nesse sentido, espera-se que a análise conjunta de alguns desses trabalhos teóricos possa contribuir para o avanço do entendimento relativo à área, ainda pouco explorada academicamente.

2- O jornalismo e o negativo

Todos os dias, o mundo é contemplado incessantemente por uma infinidade de acontecimentos com os mais diversos desdobramentos que influenciam os indivíduos e a vida em sociedade como um todo. Nesse contexto, a curiosidade humana e a busca por ficar a par dos fatos em constante mutação foram alguns dos fatores que levaram ao surgimento dos periódicos impressos, como aponta Tobias Peucer (2004), autor da primeira tese de doutorado sobre jornalismo, a qual foi defendida no ano de 1690.

Tal trabalho, de caráter inaugural, enquadra os “relatos periodísticos” como um tipo de relato desordenado e confuso, que retrata as diversas coisas acontecidas recentemente em lugares variados (PEUCER, 2004). É fato que o jornalismo até os dias atuais continua se propondo à atividade de narrar acontecimentos muito diversos em teor e espacialidade. Entretanto, os estudos da área evoluíram muito desde esse momento inicial. Assim, a ideia de os relatos serem desordenados foi sendo elaborada até chegar ao conceito atual de critérios de noticiabilidade como um critério de seleção que orienta a atividade jornalística como um todo.

Peucer (2004) aponta no mesmo trabalho a existência de critérios usados pelos jornalistas com o intuito de ordenar os tópicos a serem abordados. Isso pode ser percebido quando ele fala da necessidade de o jornalista possuir um juízo para se deter nas “coisas dignas de crédito” (p. 18) e realizar uma seleção dos fatos que “merecem ser recordados ou conhecidos” (p. 20).

Essa área viria a ser desenvolvida mais amplamente apenas no século XX, sendo os sociólogos noruegueses Johan Galtung e Mari Ruge responsáveis por um dos primeiros trabalhos nesse sentido. Pensando na necessidade de separar a notícia jornalística dos acontecimentos banais, a dupla aponta para doze elementos que podem ser levados em conta ao fazer essa seleção, sendo que um deles se destaca para o propósito do presente artigo: o valor do negativo (GALTUNG E RUGE *apud* LIMA, 2017).

Quando se pensa na valorização do negativo dentro do jornalismo, com frequência a imagem que vem mais imediatamente à cabeça é a do jornalismo sensacionalista. De

fato, esse é um gênero muito associado à exploração de horrores e tragédias, o que já suscitou e ainda suscita muitos debates em relação à ética (ou falta dela) nessas práticas. É o que aponta uma matéria de fevereiro de 2020 do Observatório da Imprensa, veículo que desenvolve uma análise crítica do conteúdo midiático. Nela, uma reportagem produzida pelo programa Cidade Alerta e veiculada no dia 17 do mesmo mês, é criticada pelo “espetáculo da violência” ao mostrar imagens ao vivo de uma mãe desmaiando após ser informada pelo repórter que sua filha, que estava desaparecida, havia sido assassinada (CAPRA, 2020).

Em 2004, esses debates extrapolaram o âmbito da academia e da prática profissional, chegando à arena do poder legislativo brasileiro. Isso aconteceu quando o diretor do Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação, José Elias Romão, solicitou que o Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional emitisse um parecer relativo à classificação indicativa de programas jornalísticos. No documento, Romão aponta a exibição de cenas de sexo, violência e drogas no jornalismo para questionar se tais programas devem ser submetidos a uma classificação indicativa, assim como os filmes e séries com esse tipo de conteúdo já o são (CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, 2005).

O relator do parecer e membro do Conselho de Comunicação Social, Paulo Tonet, discorre contra a proposta. Para tanto, ele aponta desde dificuldades técnicas, como o número restrito de pessoas que realizam o trabalho da classificação indicativa, até questões éticas e teóricas do jornalismo, já que o tempo necessário para que a classificação fosse realizada faria as notícias serem atrasadas, o que vai contra o valor da instantaneidade no jornalismo e poderia ser usado como mecanismo de censura (CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, 2005).

Assim, é descartada a ideia de que o jornalismo passe por uma classificação indicativa. Entretanto, o documento faz uma importante ressalva quando afirma que sequer considera o jornalismo sensacionalista como parte do jornalismo. Dessa forma, seguindo esse raciocínio, os elementos negativos dos fatos precisariam ser excluídos ou tratados de uma outra forma na narrativa jornalística para que a prática fosse considerada legítima e ética.

Entretanto, ainda que façamos essa exclusão, é possível argumentar que o negativo continua sendo algo que desempenha um papel relevante no jornalismo atual, seja por meio dos acontecimentos escolhidos para serem reportados, ou das técnicas

utilizadas nesse processo ou, ainda, do enfoque dado. Tal situação leva a um cenário em que:

[...] podemos ter a impressão de que nenhum crime, nenhum ato de terror, nenhuma moléstia, nenhuma desgraça, nada e absolutamente nada, possa ser de todo surpreendente. Quem abre o jornal ou liga a televisão em sua casa, já o faz com uma expectativa muito baixa em relação ao conteúdo que dali virá- a fórmula “espreme que sai sangue” não choca, nem diz coisa alguma; é simplesmente o que se tornou o banal, o comum. (LIMA, 2017, p. 5 e 6).

Assim, o negativo se tornou um elemento recorrente entre as coberturas jornalísticas tradicionais. A sua presença, inclusive, com frequência passou a ser associada a um dos valores centrais do jornalismo que ocupa posição de destaque nos diversos códigos de ética da profissão: o dever de informar os cidadãos. Essa ideia pode ser observada no já referido documento do Conselho de Comunicação Social (2005):

Estes [fatos] podem ser alegres ou tristes. Suaves ou melancolicamente deprimentes. Adjetive-se ao talante de cada um, mas substantivamente continuam sendo fatos. Dourá-los porque feios, ou omiti-los porque tristes ou até comprometedores é criminoso. Estes crimes eram usuais pelo Ministério da Propaganda de Goebels [...] Assim, não é o programa que é feio e chocante. Feia e chocante é a realidade. O dever do bom jornalismo é retratá-la e não mostrar ao público uma quimera inexistente (p. 4).

O trecho é um demonstrativo da preocupação de que o jornalismo seja censurado e expressa a importância de que a prática esteja ligada a um retrato tão fiel quanto possível da realidade. Enquanto tais imperativos de liberdade e precisão não são questionados, o valor do negativo levou alguns acadêmicos a uma indagação: será que esse jornalismo que mostra uma realidade “feia e chocante” estaria mesmo realizando um retrato verossímil da realidade?

3- Jornalismo positivo, construtivo e de soluções: um leque de ações e reações

Essa pergunta do item anterior foi feita por vários teóricos e profissionais, chegando a uma resposta que refuta a crença comum. Entre eles, está o jornalista Sean Dagan Wood. Ele afirma que as notícias fazem o enquadramento de um fragmento do mundo e que a tendência de mostrar o que há de pior no mundo pode levar a percepções que diferem da realidade (WOOD, 2015). Pensamento semelhante é levantado pelas jornalistas Cathrine Gyldensted (2016) e Karen McIntyre (2015), quando apontam que o papel de representar o mundo com precisão, valor central da profissão, nem sempre é cumprido no jornalismo tradicional. Isso porque tal prática é guiada pela busca de defeitos e problemas, o que, apesar de buscar incentivar a tomada de ações por parte dos cidadãos,

com frequência acaba estimulando o descrédito com as instituições, a radicalização e a polarização (GYLDENSTED, 2016). Essa orientação é chamada de o “modelo da doença no jornalismo”, o qual é marcado pela emergência da negatividade (GYLDESNTED e MCINTYRE, 2018, p. 3).

Wood, Gyldensted e McIntyre, além da postura crítica em relação ao jornalismo tradicional e à negatividade nele presente, tem em comum o fato de terem um papel importante no desenvolvimento de iniciativas alternativas a essa situação. Wood, desde 2012, é o editor-chefe do portal Positive News, uma das primeiras iniciativas no campo, tendo surgido em 1993 (PURDY, 2013). Já Gyldensted e McIntyre se destacam principalmente no desenvolvimento teórico do campo, sendo que a primeira elaborou uma tese de mestrado em 2011 que propõe o uso de técnicas da psicologia positiva para que essas práticas avancem. Já a segunda elaborou uma tese de doutorado em 2015, observando os efeitos da inclusão de emoções positivas e soluções nas histórias.

Nesse ponto, pode surgir a interpretação de que tais propostas constituam uma forma de jornalismo alternativo, já que se opõem a práticas que compõem o jornalismo tradicional, o que está presente, por exemplo, no trabalho de McIntyre (2015). Essa interpretação, entretanto, pode ser questionada ao fazer uma ressalva que envolva a análise mais detida das suas características fundamentais. Isso porque o jornalismo alternativo, segundo Chris Atton, é um jornalismo geralmente produzido fora da mídia convencional, independente do mercado, de forma coletiva, não hierárquica e por pessoas não profissionais, ou profissionais com técnicas não convencionais, além de usar fontes não-oficiais como definidores primários (2010).

Já as práticas que se opõem à negatividade do jornalismo tradicional envolvem características mistas: podem ou não envolver profissionais da área; podem acontecer de forma independente ou fazer parte de veículos jornalísticos tradicionais; podem usar fontes variadas e dar destaque para aquelas que são oficiais ou para as não-oficiais.

Assim, a análise de trabalhos teóricos já é suficiente para sustentar a existência de uma diferenciação entre o que se entende por jornalismo alternativo e as iniciativas aqui estudadas. Isso acontece considerando que algumas delas são marcadas apenas pelo uso de elementos novos que se inserem no jornalismo tradicional (GYLDESNTED, 2016; MCINTYRE, 2015), não constituindo uma proposta exclusiva e à parte do que já existe.

Dessa forma, enquadrar essas propostas como parte do jornalismo alternativo poderia induzir a percepções que diferem da realidade prática de como elas têm se

desenvolvido, o que configuraria um problema conceitual. Nesse cenário, uma definição mais abrangente pode ser encontrada em Lucian e Moraes, que apontam tais propostas como uma “busca por sentidos alternativos” (2019, p. 4). Essa definição destaca o aspecto das propostas serem uma resposta a um cenário anterior observado, mas deixa em aberto as características secundárias que as compõem, de modo a abrir espaço para análises mais precisas.

Até o momento, nos referimos à existência de propostas diversas que envolvem a oposição à presença constante de elementos negativos no jornalismo tradicional. Usamos essa ideia mais geral, e não apenas o termo direto “jornalismo positivo” pelo fato de existirem várias propostas nessa linha, o que aparece a partir de diversos termos nos estudos, os quais ainda se encontram em estágio inicial. Alguns desses termos são: jornalismo comunitário, cidadão, cívico, público, participatório, democrático, construtivo, positivo e de soluções (LUCIAN e MORAES, 2019; MCINTYRE, 2015; GYLDENSTED e MCINTYRE, 2018). Todos eles têm em comum o fato de proporem um papel mais ativo do jornalista em moldar as histórias e a forma de perceber a realidade (MCINTYRE, 2015), o que começa pelo reconhecimento dessa influência e pela tentativa de propor uma cobertura justa e balanceada (GYLDENSTED, 2016).

McIntyre (2015), entretanto, aponta os seis primeiros como formas de jornalismo que possuem mais particularidades, geralmente envolvendo recortes espaciais mais específicos (como percebido na relação entre jornalismo comunitário e um local delimitado) ou discorrendo sobre assuntos prioritários (como as outras formas citadas se especializam em questões políticas, principalmente). Além disso, são formas que não se apresentam tanto como novidade no contexto atual.

Já os três últimos termos apontam para práticas mais recentes e relevantes para a discussão aqui proposta. A novidade das práticas resulta em estudos ainda mais recentes, o que dificulta a formação de limites bem definidos para cada termo. Dessa forma, o jornalismo construtivo é por vezes definido como um possível sinônimo para o positivo (LUCIAN e MORAES, 2019) ou como um “rótulo guarda-chuva” que também engloba o positivo e o de soluções (GYLDENSTED, 2014, comunicação pessoal apud MCINTYRE, 2015, p. 7), tendo em comum o uso de algumas técnicas de psicologia positiva (MCINTYRE, 2015).

Uma característica comum às três iniciativas é, além da já mencionada oposição à negatividade, a tentativa de realizar esse processo por meio da busca pelo

reconhecimento da alteridade e do outro (LUCIAN e MORAES, 2019). Uma possível técnica a ser empregada com essa finalidade é a co-criação com o público, levando ao seu empoderamento (GYLDENSTED e MCINTYRE, 2018). Isso pode acontecer mediante consulta de fontes diversificadas ou da participação ativa das pessoas a partir da sugestão de pautas e enfoques, características que pretendemos explorar em trabalhos posteriores.

Outra característica comum é a inclusão de emoções positivas nas histórias. Isso, entretanto, pode representar um momento em que a diferenciação entre as três formas de jornalismo começa a se delinear, sendo que o jornalismo positivo emerge como aquele em que essa técnica recebe mais destaque (MCINTYRE, 2015). É o que se pode perceber em iniciativas de sites como o “Razões para acreditar”, que define o propósito de “fortalecer o otimismo das pessoas” (RAZÕES PARA ACREDITAR, 2020, s/p). Outro traço importante dessas iniciativas é o fato de, por vezes, na busca por histórias positivas, não manterem o mesmo comprometimento com valores centrais do jornalismo (MCINTYRE, 2015). Exemplo disso é o fato do site citado se autodenominar um site de conteúdo positivo ao invés de uma iniciativa jornalística.

Nesse ponto, uma diferença significativa entre o jornalismo dito positivo e o construtivo pode ser percebida: o jornalismo construtivo mantém um comprometimento maior com valores centrais do jornalismo, de forma que a mudança proposta se relaciona mais com a forma como a reportagem é feita e o enfoque dado para o conteúdo, do que com o conteúdo em si (WOOD, 2015; MCINTYRE, 2015; GYLDENSTED, 2016; GYLDENSTED e MCINTYRE, 2018). Isso reforça a ideia defendida anteriormente de que essa iniciativa, portanto, não representa um jornalismo alternativo e à parte do tradicional, mas sim uma nova orientação a ser seguida dentro do campo.

Além disso, o jornalismo construtivo, tendo a psicologia positiva como uma base mais solidificada, possui outras características como: a despolarização, o uso de dados para perceber avanços e retrocessos na realidade e a orientação pelo futuro e por soluções (GYLDENSTED e MCINTYRE, 2018). A última característica, relativa à orientação dada às histórias, representa um grande ponto de intersecção entre o jornalismo construtivo e o de soluções. Isso porque o apontamento de soluções, seja soluções já existentes ou a orientação dos problemas tratados a partir de possíveis soluções, constitui, ao mesmo tempo, uma característica principal do jornalismo de soluções e uma possível técnica do jornalismo construtivo (MCINTYRE, 2015). Sendo assim, a porosidade da fronteira entre os dois se torna ainda mais acentuada.

4- Considerações finais

O presente trabalho apresentou o contexto geral dentro do qual surgem as iniciativas de jornalismo positivo, construtivo e de soluções, marcado pela oposição à negatividade amplamente percebida no jornalismo tradicional. Posteriormente, a análise se voltou para essas propostas, apresentando algumas características que foram verificadas em comum e algumas especificidades, permitindo esboçar uma ideia das diferenciações existentes e abordadas nos trabalhos teóricos até aqui desenvolvidos.

A proximidade entre os termos e a falta de uma conceituação definitiva, entretanto, levaram à percepção da necessidade de que mais estudos sejam feitos para que o cenário possa ser compreendido de forma mais abrangente. Assim, nos propomos a desenvolver essa análise em trabalhos futuros a partir de observações empíricas dessas propostas para que a realidade sobre como elas têm se consolidado seja precisamente abordada. Os resultados dessas observações podem então serem contrastados com as características já levantadas em trabalhos teóricos.

Alguns possíveis pontos a serem observados empiricamente e que contribuirão com esse estudo futuro são: a) questões relativas à produção de notícias, como profissionais envolvidos, volume de notícias produzido, meios de distribuição utilizados e fontes consultadas (diversidade de fontes e se elas são ou não oficiais); b) gênero e formato/estrutura das notícias; c) critérios de noticiabilidade e enquadramento das notícias, além de possíveis emoções evocadas; e d) comparação das propostas dessas iniciativas com o desenvolvido no jornalismo tradicional.

Observando essa realidade, espera-se que as diferenciações entre o jornalismo positivo, construtivo e de soluções possam ser mais aprofundadas, buscando ainda maior compreensão de tais propostas a partir das práticas que são efetivamente desenvolvidas.

Referências

ATTON, Chris. Alternative journalism: Ideology and practice. In: ALLAN, Stuart. **The routledge companion to news and journalism**. 1 ed. London and New York: Routledge, 2010. P. 169-178. Disponível em: http://sites.psu.edu/comm292/wp-content/uploads/sites/5180/2014/08/The_Routledge_Companion_to_News_and_Journalism.pdf. Acesso em: 27 out. 2020.

CAPRA, Estela. A linha nada tênue entre o jornalismo e o sensacionalismo. **Observatório da imprensa**, Campinas, 26 fev. 2020. Imprensa em questão, edição 1076. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-linha-nada-tenuue-entre-o-jornalismo-e-o-sensacionalismo/>). Acesso em: 15 dez. 2020.

CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Parecer do Conselho de Comunicação Social sobre classificação indicativa de programas jornalísticos**. Brasília, Parecer nº 5, 2005.

Disponível em:

<https://www25.senado.leg.br/documents/12427/28755/Parecer%206%20de%202005%20-%20CCS>. Acesso em: 13 dez. 2020.

GYLDENSTED, Cathrine. **Why we need constructive elements in journalism**. 2016.

(18m46s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mN3-bPjgFNU>. Acesso em: 01 dez. 2020.

GYLDENSTED, Cathrine; MCINTYRE, Karen. **Positive psychology as a theoretical foundation for constructive journalism**. Routledge, Journalism Practice: 2018. Disponível em: http://karenmcintyre.org/wp-content/uploads/2019/03/positive_psychology_2018.pdf. Acesso em: 12 dez. 2020.

MCINTYRE, Karen E. **Constructive journalism: The effects of positive emoticons and solution information in news stories**. Chapel Hill (University of North Carolina). 2015. Disponível em: <https://cdr.lib.unc.edu/concern/dissertations/rn3012085>. Acesso em: 05 nov. 2020.

LIMA, Rodrigo C. C. **O direito à representação: banalidade do mal e o jornalismo**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 15º, 2017, São Paulo. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/528/545>. Acesso em: 17 out. 2020.

LUCIAN, Guilherme; MORAES, Ângela T. D. **A Tensão Comunicacional do Jornalismo: um olhar por sobre a enunciação positiva**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 17º, 2019, Goiânia. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/1854/1103>. Acesso em: 06 out. 2020.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. Tradução de Paulo da Rocha Dias. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 13- 29, jan. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070/1812>. Acesso em: 14 dez. 2020.

PURDY, Lucy. Two decades of inspiration: Positive News celebrates 20th year. **Positive news**, London and Shropshire. 07 jun. 2013. Disponível em: <https://www.positive.news/society/media/decades-inspiration-positive-news-celebrates-20th-year/>. Acesso em: 27 dez. 2020.

RAZÕES PARA ACREDITAR. **Razões para acreditar**, 2020. Site de conteúdo positivo. Disponível em: <https://razoesparaacreditar.com/>. Acesso em: 29 dez. 2020.

WOOD, Sean Dagan. **How the news is changing for good**. 2015. (11m48s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zK8md-7LJQQ&pbjreload=101>. Acesso em: 25 nov. 2020.